

Narrativas do conhecimento

Luís Mauro Sá Martino

Quem se aventura pela primeira vez nas trilhas de *O signo da relação*, de Cremilda Medina, nota o novelo de temas, autores e perspectivas que se desenrola no livro. A pluralidade de assuntos, temas, idéias e autores pode levar o leitor ingênuo a imaginar uma falta de ordem no livro. De fato, não há: mas isso é apenas uma questão de coerência entre forma e conteúdo. Afinal, a complexidade do cotidiano e a tentativa do ser humano de transformá-lo em uma narrativa coerente é o objeto do livro – e o complexo não pode ser transformado em simples sem perda.

Essa complexidade, no entanto, deixa a narrativa coerente em um segundo momento de leitura: à primeira vista, destaca-se a proposta interdisciplinar do livro. Aliás, em vários momentos pode-se perguntar se o “interdisciplinar” não se torna “indisciplinar”, no sentido de negar a divisão artificial do conhecimento.

Professora da ECA-USP, Medina é autora de mais de uma dezena de livros sobre a prática jornalística, que experimentou durante dez anos em jornais como *O Estado de S.Paulo* e *Jornal da Tarde*. Esse percurso não está fora do livro: embora não caia na auto-biografia, o livro não esconde a autoria e deixa à mostra o processo de produção. O conhecimento é intuído por um sujeito, mas se realiza no diálogo.

A dinâmica e a autonomia relativa dos diversos campos sociais são responsáveis pelas características intrínsecas de cada. O espaço social é dividido de maneira desigual em áreas de ação regidas por regras e características particulares, garantindo uma ilusão de autonomia e regras próprias mantidas e refeitas a cada vez pelos participantes desse espaço. O resultado é um descompasso fundamental entre a dinâmica dos diversos campos, oriun-

O signo da relação: comunicação e pedagogia dos objetos

Cremilda Medina

*São Paulo, Paulus, 2006,
197 p.*



do das regras próprias, prêmios e resultados esperados. Dessa maneira, os campos sociais reconstituem-se periodicamente, como constelações girando em torno de um eixo central, mas com velocidades de translação diversas, resultantes dos vetores de suas características particulares. Assim, enquanto o campo jornalístico renova-se com as notícias de cada dia e a edição de cada telejornal, as descobertas científicas obedecem a uma lógica de velocidade diferente. Um dos objetivos de *O signo da relação* é pensar esse descompasso para transformá-lo – uma abertura para as ciências para além das divisões disciplinares: “O signo da relação implica a crise da degenerescência do signo da divulgação, consagrado tanto na ciência – transferência dos conteúdos dos especialistas aos leigos – quanto no chamado ‘jornalismo científico’ – tradução e divulgação dos conteúdos científicos para o grande público”, explica a autora, na página 13.

A gestão do conhecimento na sociedade é regulada por inúmeras instâncias mais ou menos legítimas, tanto na produção quanto na divulgação do saber. O campo científico

coloca-se no topo dessa pirâmide de conhecimento como único produtor autorizado e legítimo do saber de uma sociedade. Equipes de cientistas e pesquisadores utilizam seu tempo na procura de novos conhecimentos, novas idéias e concepções que, com o tempo, serão transformadas em idéias correntes para a grande maioria na base dessa pirâmide.

O ponto comum dessas idéias, que não escapa à autora, é a construção de narrativas. “Uma definição simples de narrativa é aquela que a compreende como uma das respostas humanas diante do caos. Dotado da capacidade de produzir sentidos, ao narrar o mundo, o sapiens organiza o caos em um cosmos. O que se diz da realidade constitui uma outra realidade, simbólica” (p. 67).

É fato conhecido que o senso comum é uma espécie de repositório de temas, idéias e saberes diversos de uma determinada sociedade. Há uma espécie de gradiente de legitimidade e reconhecimento dos saberes entre o saber como finalidade em si, no campo científico, e o saber como atuação prática no mundo cotidiano, o senso comum. No meio desse gradiente, como um elemento de circulação dos bens simbólicos de um campo a outro, ficam as instituições sociais responsáveis por regular o fluxo e a apropriação desses saberes – a escola, a igreja, os partidos e a mídia. Esse processo está na base de criação do senso comum e da própria realidade social na qual se está inserido. O jornalismo, nesse contexto, realiza a tarefa de um tradutor entre o conhecimento específico de um campo acadêmico e o senso comum.

Isso leva a uma outra questão.

A apreensão da realidade pelo raciocínio é um longo processo, que envolve diversas etapas. Desde a percepção até a compreensão efetiva do fenômeno, há sele-

ções, análises e construções, de acordo com conhecimentos prévios que transformam a informação original em conhecimento. “Como mediador-autor, numa concepção contemporânea, ele é um sujeito em relação com os outros sujeitos que liberam informação e os sujeitos fruidores da produção simbólica veiculada nos meios de comunicação”, define, na página 122.

A interpretação inerente à prática jornalística, embora atacada e excluída das discussões sobre o tema, fica evidente quando se observam as narrativas possíveis a partir de uma realidade. “Mesmo admitindo o pleno acesso a redes interativas, não desaparece nem desaparecerá o facilitador, o articulador, o comunicador que rege a produção de conteúdo e edita a narrativa da contemporaneidade” (p.22).

O caminho para o “signo da relação” não poderia deixar de partir da própria sala de aula. Não por acaso, a autora dedica os últimos capítulos do livro a uma longa reflexão sobre o modelo comunicativo do professor, suas deficiências e acertos. Uma pedagogia dos afetos não pode se limitar aos conteúdos, assim como a mídia não pode se resumir às informações simples.

Há uma perspectiva política nessa anti-disciplinaridade latente do texto. Trata-se de reintegrar o ser humano, de redescobrir o paradigma perdido da natureza humana, no dizer de Edgar Morin, ou, como Cremilda Medina explica na página 21, “transitar da tradição conservadora do signo da difusão para o democrático signo da relação”. Um modo de trabalho no sentido de abrir fronteiras e convergir o conhecimento na busca de ciências, acima de tudo, humanas.

Luís Mauro Sá Martino é doutor em Ciências Sociais (PUC-SP), jornalista e professor universitário.